

minada) e estendem a sua influência para além da *intelligentsia*, ao mundo político e social.

As ideologias tomam de empréstimo às filosofias o núcleo axiomático e as idéias centrais; buscam aí coerência organizadora, mas de maneira simplificadora, degradada, dogmática, o que as transforma em sistemas de outra natureza: as ideologias perderam a problemática e a complexidade que fazem a originalidade filosófica. Compreende-se, então, o sentido pejorativo do termo “ideologia”, o qual sempre conota um defeito, uma falta, uma ilusão.

Ao contrário das filosofias, que são e permanecem teorias, as ideologias são fortemente doutrinárias, racionalizadoras (tudo se explica segundo a sua lógica) e idealistas (todo o real é assimilado/apropriado pela sua idéia). Observemos que são doutrinárias mesmo quando tomam um aspecto “crítico”; as ideologias racionalistas, científicas, marxistas, têm por fonte a crítica dos dogmas e doutrinas, mas produzem novos dogmas sob os nomes de Razão, Ciência, Materialismo dialético. Por isso as conotações pejorativas da palavra “ideologia” correspondem à refutação idealista, à rigidez racionalizadora, à abstração enganadora e, finalmente, à ilusão de possuir a verdade em um sistema de idéias.

A ideologia política é uma concepção da realidade antropológica que, como o sistema filosófico, comporta, de maneira implícita ou explícita, uma concepção do mundo e do real (assim, o marxismo ideológico conserva do marxismo filosófico o materialismo dialético). Como os sistemas filosóficos, o núcleo das ideologias é feito através de uma ligação forte entre o princípio de conhecimento e o princípio ético. Mas, enquanto o mundo dos sistemas filosóficos é como que estratosférico, as ideologias têm uma motricidade diretamente conectada à práxis política e social.

### Os ideomitos

Acreditou-se no século XIX e no começo do século XX que a promoção das idéias laicas correspondia à evolução neces-

sária e progressiva do mito à razão, da religião à ciência; o desaparecimento gradual dos mitos bioantropomorfos e o estreitamento da área religiosa deviam completar-se, o que corresponderia ao triunfo das verdades positivas, racionais e científicas.

Ora, essa concepção, que Auguste Comte formulou como lei evolutiva, era um mito e, de resto, Comte teve a loucura genial de coroar a era positiva com uma nova religião, concreta e universal, na qual a adorada Clotilde de Vaux encarnava a Humanidade-Mátria.

De maneira mais convincente, Max Weber concebera o desaparecimento gradual dos mitos, religiões, ritos, tradições, como um processo de secularização em proveito das ideologias, da ética e das crenças subjetivas. É interessante salientar que dois ramos divergentes saíram dessa perspectiva; por um lado, o da abstração, da racionalização (no sentido weberiano, diferente do utilizado aqui), do desencantamento; por outro lado, o da interiorização, da subjetivização, da estetização. Efetivamente, podemos constatar que os gênios, demônios, espectros, que povoavam a natureza, foram despachados para uma noosfera estética, tornando-se heróis de romances ou *stars* de cinema, ou migraram para os interiores psíquicos, tomando a forma fluida das pulsões e sentimentos. Podemos pensar que esses desenvolvimentos estéticos e subjetivos estão dialogicamente ligados aos desenvolvimentos antinômicos e concomitantes do pensamento racional-empírico-lógico e dos sistemas abstratos de idéias, teorias científicas, doutrinas, ideologias.

Pudemos nos questionar sobre as ressurreições dos mitos no campo estético das novas artes (romance popular, cinema, televisão, esporte) de massa (Morin, 1957, 1962). Pudemos igualmente nos surpreender com a resistência das grandes religiões e mesmo com as suas contra-ofensivas vitoriosas nas terras desoladas do desencantamento e do niilismo. *Mas é necessário, sobretudo, ver o que Max Weber não viu: a reinvasão do mito e mesmo da religião nos sistemas de idéias aparentemente racionais.*

Georges Bataille (1972, p. 393-394), por seu lado, bem observou a existência no mundo moderno de uma “avidez de mitos”. Acrescentemos: novos mitos fizeram ninho no próprio cora-